

UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DOS FALSOS COGNATOS

Danielle dos Santos Pereira Lima (UERR)

danielle.lima61@yahoo.com

Geanis Silva Gomes (UERR)

geanissillva@mail.com

Luzineth Rodrigues Martins (UERR)

luzinethmartins@yahoo.com.br

RESUMO

A motivação para este trabalho decorre do interesse de compreender por que determinadas palavras possuem o mesmo radical, mas apresentam significados completamente distintos. A partir de observações empíricas percebeu-se que alguns vocábulos parecem ser cognatos, mas não são, isto é, possuem o mesmo radical, mas não tem o mesmo valor semântico. Assim, este artigo tem a finalidade de buscar explicações que permitam o entendimento da causa desse fenômeno morfológico. A coleta de dados ocorreu por meio de pesquisa bibliográfica, em autores como Bechara (2006), Neto e Infante (2011), Silva e Koch (1989), Zanotto (2006), Duarte (2005) e Silva (2006). Analisou-se alguns vocábulos que têm a mesma raiz, mas possuem significado diferente, buscando as teorias que explicam esse fenômeno. Os resultados do estudo revelam que, embora teoricamente, as palavras com a mesma raiz pertençam ao mesmo grupo de sentidos, há aquelas que não seguem essa regra, e mais ainda, verificou-se que para haver flexão de gênero é essencial a correspondência semântica entre os vocábulos. Destaca-se se ainda que, para alguns autores, a vogal temática é a chave para se entender o fato de palavras como cavala e cavalo não apresentarem flexão de gênero.

Palavras-chave: Morfologia. Etimologia. Cognato. Semântica. Radical.

1. Introdução

Parece difícil apontar em qual tipo de semântica os falsos cognatos se enquadram. Mas sabendo que à lexicomática cabe explicar as expressões estruturáveis, isto é, quando um ou mais unidades se opõem por traços distintivos, percebeu-se que os falsos cognatos podem ser analisados com a semântica estrutural, já que existe um traço em comum entre os vocábulos, que é o radical.

Conforme a literatura vigente, palavras de mesmo radical, possuem significações comuns e são chamadas palavras cognatas. Há, no entanto, palavras que fogem a essa regra.

É comum encontrar-se palavras que têm o mesmo radical, mas que não possuem relação de sentido. Decorre disso a seguinte indagação: por que palavras com a mesma raiz não pertencem ao mesmo grupo de

sentidos, isto é, não são cognatos? Parece que a explicação está no último morfema de tais palavras, ou seja, a vogal temática e a desinência nominal.

Com o intuito de averiguar o comportamento de tais palavras, a exemplo de livro e livra, pasto-pasta, lagarto e lagarta, cavalo, cavala e barato e barata (inseto), realizou-se a seguinte pesquisa a fim de esclarecer por que os citados vocábulos podem gerar confusão em determinados contextos de fala.

Assim, na tentativa de deixar patente tal questão, este trabalho pretende fornecer elementos para a compreensão do uso destas palavras, visando ampliar o conhecimento a respeito da formação lexical, assim como, o valor semântico dos vocábulos citados. A coleta de dados ocorreu por meio de pesquisa documental em gramática dos autores Bechara (2009), Neto e Infante (2011), e o livro de Koch (1997), bem como artigos de Duarte (2005) e Silva (2006).

Cabe destacar, ainda, que este artigo foi subdividido em três tópicos, no primeiro, há o destaque da morfologia e da etimologia, para mostrar o valor semântico dos objetos de estudo, explicitando conceitos como: tema, radical e cognato. No segundo, há a diferença entre vogal temática e flexão de gênero, de acordo com vários gramáticos, no terceiro, através da análise semântica, compreende-se por que os falsos cognatos não sofrem uma flexão privativa.

2. Morfologia, semântica e etimologia

Para discutir o valor semântico dos falsos cognatos, faz-se necessário, a princípio, tecer algumas considerações morfológicas, isto é, deixar patente o que é um tema, um radical e o significado etimológico das palavras em estudo.

Sabe-se que tema é “um radical de uma palavra ao qual se acrescenta uma desinência ou sufixo” (CUNHA, 1986, p. 761). Para Bechara (2009, p. 337) o tema “é o radical acrescido da vogal temática e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber desinência ou sufixo [...], podendo a vogal temática ocorrer num tema simples (livro) ou derivado (livreiro)”. Para tal autor, o tema será verbal se as vogais temáticas forem {a, e, i} (compr-*ar*, vend-*er*, part-*ir*); nominal se as vogais temáticas forem {a, e, o} (casa, ponte, caso).

No que se refere ao *radical*, na gramática da língua portuguesa, Neto & Infante afirmam tratar-se de um morfema comum a um grupo de vocábulos. Para Zanotto (2006, p. 37) a raiz ou radical “é o elemento que remete a todas as palavras cognatas”, sendo denominado de morfema lexical. Citando Saussure (1989:255) Zanotto diz que raiz é o “elemento ir-redutível e comum a todas as palavras da mesma família”. Já para Luft (1989:90) o radical é “a parte significativa central das palavras, obtida pela eliminação dos afixos.” Diante do exposto sobressai o seguinte questionamento: o que são palavras cognatas?

Quanto ao conceito de cognato Bechara (2009: 255) os define como vocábulos que pertencem a uma mesma família de raiz e significações comuns como em: “corpo e corporal”. De acordo com Cunha (1986), corpo vem do latim *corpus* e é uma substância física ou a estrutura de cada homem ou animal; e corporal, vem do corpo, na definição de Amora (1999). Mas o que dizer das palavras a seguir:

- Caso e casa: segundo Cunha (1986) a primeira advém do latim *cāsus* e significa “acontecimento; fato; sucesso; ocorrência.” (p. 162). A segunda, vem do latim *casa* e quer dizer “morada; vivenda; residência; habitação”. (p. 161)
- Ponte e ponta: de acordo com o referido autor, ponte se origina do latim, *pōns pontis* e é definida como: “construção destinada a estabelecer ligação entre margens opostas de um curso de água ou de outra superfície líquida qualquer” (p. 622); e ponta, também do latim *puncta*, é “parte ou ponto em que alguma coisa termina; extremidade.” (p.622).
- Livro e livra: conforme Amora (1999, p. 417) essa palavra é de origem não identificada, morfologicamente está na 3ª pessoa do presente do indicativo,) e significa “tornar livre; libertar; tirar de embaraços e defender; e aquela, de origem latina (*Liber*) significa “porção de cadernos manuscritos ou impressos e cosidos ordenadamente.” (CUNHA, 1986, p. 478).
- Pasto e pasta: segundo Cunha, a primeira, vem do latim *pastus*, tratando-se de “erva para alimento do gado ou terreno próprio para o gado pastar”, enquanto a segunda, é advinda do latim *pasta* que é derivada do grego *paste*, sendo uma “porção de matéria sólida pulverulenta, ligada ou amassada com líquido ou gordura, e que se caracteriza por sua plasticidade”. (p. 585).

- Papo e papa: de acordo com Amora (1999, p. 385), papo é de origem não identificada, significando “saco ou bolsa membranosa nas aves, onde se juntam os alimentos antes de passarem à moela; papeira; bócio; barriga; conversação amigável; arrogância; falsa valentia”, já papa advém do latim *papas*, que por sua vez, deriva do grego *páppas*, e é definido por Cunha (1986) como “o sucessor de São Pedro na chefia da Igreja católica”. (p. 577).

Como se pode ver, embora tais palavras tenham o mesmo radical, não possuem uma relação semântica. Como isso se justifica? Na realidade, a situação é mais complicada porque há também um grupo de substantivos, que embora tendo a possibilidade de sofrer flexão de gênero, uma vez que existem as duas formas no léxico brasileiro (masculino e feminino), não se correspondem semanticamente. Cunha (1986) traz à tona um pouco da complexidade do português brasileiro. A partir dos seguintes vocábulos:

- Foca: “mamífero pinípede da família dos focídeos do latim *phōca*.” (p. 363).
- Foco: “centro, sede, ponto de convergência do latim *fōcus*.” (p. 363).
- Lagarto: “nome comum a diversos lacertíneos especialmente o da família dos teídeos do latim *lacartus*.” (p. 462).
- Lagarta: “a larva dos lepidópteros do latim *lacarta*.” (p. 462).
- Barata: “inseto ortóptero onívoro, da ordem dos blatários, do latim *blatta*.” (p.88).
- Barato: “o que se vende ou se oferece por preço baixo.” (p. 98).
- Cavalo: “animal mamífero da ordem dos perissodáctilos do latim *caballus*.” (p. 168).
- Cavala: “peixe escombrídeo espécie de sarda.” (p. 168).

Observe que no caso de cavalo, este é um mamífero, enquanto cavala é um peixe. Note que não há flexão de gênero, pois falta uma relação de sentido. De acordo com Luft (2008), na morfologia, a marcação de gênero do substantivo cavalo se dá por uma forma opositiva de radical diferente, a qual se chama heterônimo.

Nos vocábulos citados não ocorrem flexão de gênero, mas o fato de apresentarem o mesmo radical e aparentemente haver uma flexão de gênero pode confundir uma pessoa que está aprendendo o nosso vernáculo, seja um estrangeiro ou uma criança. No entanto, não se trata de uma situação de desinência, tampouco palavras cognatas.

Os falsos cognatos são como a famosa sentença “parece, mas não é”, pois, foca não é o feminino de foco e, sendo um substantivo epiceno, basta acrescentar as palavras macho ou fêmea à construção: a foca fêmea, a foca macho.

Tem-se ainda o substantivo “barata”, que quando está na forma adjetiva sofre flexão, por exemplo: carro barato ou roupa barata; mas em se tratando de um inseto ortóptero, não há uma flexão privativa, pois não há a barata (fêmea) e o barato (macho).

Este fenômeno não é aceito, do ponto de vista morfológico, pois barata é um substantivo comum a dois gêneros, esse fato cria um entrave semântico, e como já foi dito anteriormente, uma criança que está começando a aprender a língua materna e um estrangeiro aprendiz da língua portuguesa brasileira sentirão dificuldades em compreender que barato significa sem custos altos, e não o masculino de barata.

3. Relações morfológicas: vogal temática e desinência nominal

Para abordar as relações entre a vogal temática e a desinência nominal foram consultadas cinco gramáticas de língua portuguesa que especificam a diferença entre vogal temática e desinência nominal, os conceitos estão descritos nas tabelas a seguir:

<i>a. Vogal temática nominal</i>	
Neto e Infante	A vogal temática é um morfema que se junta ao radical a fim de formar uma base à qual se ligam as desinências. Essa base é chamada tema. Além de atuar como elemento de ligação entre o radical e as desinências, a vogal temática também marca grupos de nomes e verbos. Isso significa que existem vogais temáticas nominais e vogais temáticas verbais. Os nomes terminados em vogais tônicas e consoantes não apresentam vogal temática.
Silva e Koch (1989, p. 41)	Nem todas as palavras são marcadas flexionalmente. Veja-se, por exemplo: casa [...] em que a vogal não indica gênero, mas simplesmente registra a classe gramatical.
Zanotto (2006, p. 42)	A vogal temática (VT) é um segmento fônico que se acrescenta ao radical (primário ou não) para agrupar vocábulos (nomes e verbos)

	<p>em categorias. [...] Os nomes [...] formam três categorias, conforme a vogal temática que têm: -a -e -o O -a átono final nos nomes será vogal temática, se não representar flexão de gênero: [o -a de cavala é vogal temática].</p>
--	---

Segundo a descrição da tabela a vogal temática ou morfema classificatório serve como base para as desinências, isto no caso das verbais, além dos que acreditam que a função dela seja selecionar as palavras em categorias, a exemplo de **cas**a, **pont**e e **cas**o, também indica que inexistente vogal temática em palavras como sofá, café, vovó, devido o acento tônico. Embora haja uma ampla definição sobre a vogal temática, os autores não apresentam contradições conceituais, pelo contrário, quando agrupados, tais conceitos se complementam.

b. *Desinência nominal*

Bechara (1999, p. 149)	A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea.
Silva e Kock (1989, p. 41)	A flexão de gênero opera através do morfema flexional –a átono final à forma masculina. Quando a forma masculina é atemática, há simplesmente o acréscimo mencionado: peru – perua.
Zanotto (2006, p. 70)	A flexão de gênero processa-se basicamente por meio de morfema aditivo sufixal, uma vez que se faz pelo acréscimo ao radical da desinência de gênero feminino –a.

É notório nestas definições que apesar de todo substantivo ter gênero, percebe-se que nem todos apresentam flexão privativa. Vale lembrar que há flexões feitas através da adição da desinência nominal (juiz-juíza), outras pela substituição da desinência nominal (gato-gata); há também o caso de subtração (réu-ré); de derivação (ator-atriz) e até mesmo de alternância, em que a acentuação marca desinência, como em avô e avó.

4. *Um olhar semântico sobre a flexão de gênero*

Há palavras que, embora formadas com o mesmo radical, não apresentam uma relação de sentido, como nos vocábulos: /caso, casa/, /pasto, pasta/, /ponte, ponta/, /livro, livra/, /papo, papa/, /lagarto, lagarta/, /foco, foca/, /cavalo, cavala/. O fato é que, nas referidas palavras, devido

a terminação não ser uma desinência de gênero, mas sim vogal temática nominal, isso acarreta mudança de significação.

Quando se trata de desinência de gênero, há reciprocidade semântica entre as palavras, mesmo ocorrendo uma oposição privativa, uma vez que apenas um dos membros é marcado, como em *menina* tem-se a presença do **a**, enquanto em *menino* temos um morfe zero (CAMARA JR, *apud* DUARTE, 2005, p. 5), pois *menino* é semanticamente diferente de *menina* devido ao traço semântico de sexo. Já quando a terminação é uma vogal temática, mesmo que tenha uma forma feminina e outra masculina, não há aproximação semântica como nos exemplos supracitados.

De modo análogo, em **máquina**, **caneta**, **criatura** e **sacola**, o [a] final não constitui desinência de gênero, mas vogal temática. Será erro considerar o morfe zero como traço desinencial opositivo de gênero das palavras citadas. O zero deve ser usado sempre na ausência de morfe, jamais na existência de morfema.

Com relação a formas do tipo **cavalo**, **pasta**, **casa** [...], também não se fala em desinência de gênero, embora haja as formas **cavala**, **pasto**, **caso** [...]. É que falta a correspondência semântica, fundamental na caracterização do gênero. (MONTEIRO, 1991, p. 80).

Veja que a morfologia, nesses exemplos, está intrinsecamente ligada à semântica, sendo o sentido dos vocábulos o elemento que determina o caráter de flexão de gênero ou não.

5. *Considerações finais*

Diante do exposto, concluiu-se que os objetos de estudo deste trabalho, a exemplo, *ponte e ponta*, *cavalo e cavala*, parecem que se encontram em meio a um paradoxo, pois de um lado não se pode considerá-los cognatos, já que não existe nenhuma aproximação semântica entre as palavras; do outro, possuem o mesmo radical.

Lançando mão da semântica lexical, percebe-se que, mesmo havendo entre as duplas de palavras um traço comum que é a raiz, há um distintivo, que é a vogal temática. Verifica-se, assim, que o morfema classificatório, isto é, a vogal temática pode ser o fator que pode ocasionar mudança de significação entre os vocábulos.

Observe que ainda há a necessidade de aprofundamento do tema, pois não foram encontrados trabalhos que tivessem discutido exclusivamente a questão. Além disso, no presente instante não se têm explicações

do porquê que cavala não é o feminino de cavalo, já que se tem as duas formas no vernáculo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORA, Antônio Soares. *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. 2011 Disponível em:

<<http://www.diegosousa.com.br/aula/Gram%C3%A1tica%20da%20L%C3%ADngua%20Portuguesa%20-%20Pasquale%20Cipro%20Neto.pdf>>

Acessado em: 20-05-2013.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. *Do estatuto mórfico da vogal temática e do morfema de gênero em português*. Ceará, 2005. Disponível em:

<[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(23\)06.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(23)06.htm)> Acessado em: 20-05-2013.

KOCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. 20. ed. atual. Petrópolis: Vozes, 1997.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. rev. e ampl. Campinas: Pontes, 2002.

SILVA, José Pereira da. Carências e incoerências da gramática. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:

<http://filologia.org.br/pereira/textos/car%EAncias%e%incoer%EAncias%da%_gram%Eltica.pdf> Acesso em: 21-05-2013.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Sousa; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. São Paulo: Cortez, 1989.

ZANOTTO, Normélio. *Estrutura mórfica da língua*. 5. ed. ver. Rio de Janeiro: Lucerna; Caxias do Sul: Educs, 2006.